

Globethics Repository



Redefinir as necessidades básicas [Redefining basic needs]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Bursztyn, Marcel
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-24 20:44:05
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163305

pressões e não sabem como integrar positivamente, ou seja, implementar o desenvolvimento sustentável.

IHU On-Line- Como vê o Brasil, um país tão rico em biodiversidade e tão desigual na sua sociedade?

Gary Gardner- Quando falamos da classe de consumo no relatório, vemos que, no Brasil, 33% da população são membros dessa classe de consumo. Há no País bastante prosperidade e, ao mesmo tempo, grande pobreza e desigualdade. Também há muitos exemplos brasileiros positivos que nos inspiram em nosso trabalho. Sempre olhamos a cidade de Curitiba que tem um modelo de desenvolvimento diferente do utilizado nos Estados Unidos e na Europa. Por exemplo, em relação ao transporte, os ônibus têm a mesma eficácia que o metrô subterrâneo, com um custo bem menor... Os curitibanos utilizaram a imaginação e responderam à necessidade do povo, dessa forma alcançaram esse modelo. Há muitos outros exemplos, não só no Brasil, mas também em outros países da América do Sul, mostrando-nos que há outras formas de desenvolvimento, que o desenvolvimento não passa sempre por muito investimento de capital, aumentando o PIB como é o enfoque dos políticos. Há outras coisas que podemos enfatizar.

IHU On-Line- Tendo em vista o futuro, em que aspectos podemos ser otimistas e em que aspectos devemos ser pessimistas?

Gary Gardner- Eu sempre digo que sou otimista. Mas depois de terminar o livro *Estado do mundo* e entender melhor as dificuldades que precisaremos enfrentar para chegar a um mundo sustentável, fiquei um pouco pessimista. O consumo é algo tão profundamente arraigado em nós que é muito difícil mudá-lo, por mais que tenhamos bons exemplos na Europa de como se pode mudar a infra-estrutura do consumo. Os europeus têm um imposto sobre a energia como incentivo para utilizá-la menos, também baixaram os impostos na segurança social para incentivar a abertura de novos postos de trabalho. É uma idéia muito inteligente para mudar os incentivos do consumo. Há muita coisa que está se fazendo. Nesse sentido, sou muito otimista. Mas, no fundo, devemos também mudar a ética do consumo, mudar a infra-estrutura não é suficiente. Precisamos, especialmente os americanos, uma nova ética do consumo, e isso vai ser muito mais difícil. Ter a disciplina de limitar nosso consumo, a disciplina de dizer “Não necessito mais do que já tenho. Chega, é suficiente”. Desse modo, vejo a urgência da colaboração das religiões e de outras instituições que nos ajudam a formar os valores da sociedade. Sem essa mudança na ética de consumo, sou muito pessimista.

REDEFINIR AS NECESSIDADES BÁSICAS

Entrevista com Marcel Bursztyn

*O coordenador do PPG do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB), Marcel Bursztyn, concedeu-nos uma entrevista por telefone na última semana. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Planejamento Urbano e Regional também pela UFRJ. Fez doutorado em Economia na Université de Picardie, em Paris, na França, e doutorado em Desenvolvimento Econômico e Social na Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), em Paris. Pós-doutorou-se pela Université de Paris XIII, em Villetaneuse, em Paris, e na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Entre seus livros publicados citamos **O País das Alianças: Elites e Continuísmo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990; **Da Utopia à Exclusão: Vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro/ Brasília: Garamond/ Codeplan, 1997; **Cristovam Buarque: O Semeador de Utopias**.*

Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. Também é organizador de diversas obras, entre elas, **Para pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

IHU On-Line- Como vê as diferenças entre desenvolvimento sustentável e o decrescimento?

Marcel Bursztyn - O debate parte de teses surgidas no final dos anos de 1960. Ali começou a expressão em um ambiente universitário, de um conjunto de estudos que levantou alguns alarmes em relação ao que se chamava bomba demográfica, a poluição da indústria, os limites dos recursos naturais, etc. Foi um contexto que gerou vários trabalhos de biologia, clima que antecedeu a contratação de cientistas apresentada ao Clube de Roma ⁶, que propôs, ao final, limites ao crescimento. Na ausência de um modelo de organização econômica que seja mais consistente com os limites da natureza em termos de oferta de recursos naturais e de energia, a proposta é congelar o crescimento da economia. Essa é uma proposta absolutamente inapropriada aos países que não se desenvolveram. Se nós formos congelar, quem é rico fica rico, quem é pobre, fica pobre. A partir desse debate começou toda uma efervescência no meio universitário e isso inclusive se traduz em políticas públicas sobre como promover desenvolvimento sem que se repitam as mesmas mazelas que o desenvolvimento econômico gerou nos países hoje desenvolvidos. Isso antes de surgir o conceito de desenvolvimento sustentável, que só vem na década seguinte. Quando surge o conceito de desenvolvimento sustentável, a idéia se equaciona em termos conceituais, embora a prática não esteja imediatamente resolvida. O que sai desse debate hoje é como promover melhores condições de vida a populações que vivem em condições desfavoráveis, sem repetir o mesmo modelo de crescimento econômico que foi praticado nos países que atingiram condições de vida muito elevadas, mas também a um custo muito elevado. Isso dentro dos desafios dos países mais pobres. Quando alguém propõe que, na ausência de um modelo menos degradador, não se faça nada ou que se retroaja, na verdade é o mínimo que se pode identificar como uma proposta retrógrada, reacionária. O que se propõe, e esse é um modelo com que nós concordamos, é que se estenda, se radicalize a idéia de solidariedade, em relação ao próximo no presente, ou seja, estender condições mínimas satisfatórias a toda a população do universo e iguais ou melhores ainda, às próximas gerações para satisfazer as suas necessidades básicas. O contraponto do mau desenvolvimento não é um não desenvolvimento, mas o bom desenvolvimento. É a nossa proposta.

IHU On-Line – Essa idéia de solidariedade radical como pode ser aplicada, levando-se em conta as diferenças nas demandas das diferentes sociedades?

Marcel Bursztyn –O que nós chamaríamos minimamente de solidariedade em termos de distribuição de oportunidades no presente, está muito mais bem resolvido nos países desenvolvidos do que nos países menos desenvolvidos. A agenda dos países menos desenvolvidos se coloca, primeiramente, em termos que resolver essa questão do presente. Segundo, ao fazermos isso em relação ao presente, não podemos cometer os mesmos erros daqueles países: erros que comprometeram o planeta, e não a sociedade deles. Eles comprometeram o planeta a tal ponto de estarem preocupados hoje com o risco de que nós façamos a mesma coisa que eles fizeram. Uma das características do conceito de

⁶ O Clube de Roma é uma organização não-governamental, que, no final da década de 1960 contratou uma equipe de cientistas que elaborou uma projeção assentada sobre as tendências então imperantes; o resultado foi uma inequívoca previsão de catástrofe para as primeiras décadas do Século XXI. (**Nota do IHU On-Line**).

desenvolvimento sustentável, na minha leitura, é que todos os povos têm direito ao desenvolvimento.

***IHU On-Line* – Esse conceito modificaria as concepções da política tradicional?**

Marcel Bursztyn – As políticas tradicionais que nós conhecemos de promoção ao desenvolvimento, são políticas que vêm importadas diretamente da razão econômica. Pela razão econômica não existe uma visão muito estruturada do longo prazo. Keynes, um dos economistas mais consagrados, dizia até de uma forma irônica, que “no longo prazo todos estaremos mortos”. Na verdade, no longo prazo, se eventualmente nós estejamos mortos, os nossos filhos não estarão, ou não deverão estar, nem nossos netos. Portanto, há que se preocupar com o prazo, com a durabilidade. Em francês, a tradução do conceito de desenvolvimento sustentável é desenvolvimento durável. Ele tem que ser possível de ser continuado num longuíssimo prazo e entendendo o desenvolvimento muito mais do que tão somente um bom andamento dos negócios econômicos. São condições de vida. Nós aprendemos a perpetuar um modelo que consome intensivamente energia e matérias primas, a partir, sobretudo, da segunda Guerra Mundial, quando se acelerou muito o crescimento da indústria, nós vamos radicalizar esse modelo, o planeta não tem condições, não tem energia, nem matérias-primas para tudo. Então temos que modificar os padrões de produção, de consumo e tecnológicos e até mesmo a durabilidade e desejabilidade dos produtos, a consciência com que a sociedade vai buscar satisfazer as suas necessidades básicas e até mesmo a identificação do que vêm a ser necessidades básicas. Por exemplo, um cidadão norte-americano comum identifica como necessário para si muito mais ingredientes do que um cidadão comum num país longínquo na Ásia ou na África. O que é de fato necessário, básico, que todos os povos tenham acesso, e o que é supérfluo, e como nós vamos inibir consumos supérfluos que são provocadores de algum tipo de degradação ou de esgotamento de recursos da natureza. Isso é um desafio para políticas públicas em matéria de desenvolvimento sustentável. Os economistas não haviam se preocupado com isso até muito recentemente, até perceberem que, se não se preocuparem com isso, a própria lógica de bom andamento dos negócios, ou seja, a própria lógica da economia, se vê prejudicada. O impacto é econômico, não só ecológico.

***IHU On-Line* – O senhor, como um cientista e com todo um histórico de ligação à CNPq, à Capes, e à UNB, como vê o papel da universidade na construção e implementação da idéia de solidariedade radical?**

Marcel Bursztyn – A primeira consideração é que a universidade hoje está em crise por várias razões, mas uma das características que dá conteúdo a essa crise é o fato de que ela se afastou da realidade. E ela se afastou da realidade em grande medida pelo fato de que, ao longo do século XX, principalmente em sua segunda metade, ela enveredou pelo caminho da especialização, do aumento do foco em questões muito particulares, mas perdendo a visão do contexto, a visão do todo. As ciências se disciplinaram ao extremo e se distanciaram. Cada campo da ciência se afastou dos outros campos da ciência. Nós podemos ter paradoxos como uma unidade universitária, um departamento acadêmico, produzindo uma tecnologia moderníssima, muito avançada, mas essa tecnologia pode estar provocando problemas que podem vir a ser objeto de estudo do outro departamento na mesma universidade. É possível que haja, por exemplo, um departamento de Química que avança no conhecimento no sentido de descobrir uma determinada substância, e essa substância pode ser nociva ao meio ambiente. Nós vamos precisar do departamento de ecologia para descobrir uma forma de corrigir esse problema. Nós temos um departamento de Agronomia, que vai produzir uma

tecnologia de melhorar o ritmo de produção numa fazenda, mas é possível que a generalização desse modelo na totalidade de um território mais amplo, provoque perda de biodiversidade, o que é um risco enorme em termos de meio ambiente. É preciso aprender a ter uma visão de conjunto da vida, do mundo, do planeta.

***IHU On-Line* – Isso vale para universidade no geral ou está pensando especificamente do Brasil?**

Marcel Bursztyn – Isso é geral. No Brasil, há um agravante por algumas circunstâncias particulares. Primeiro, a forma como a universidade criou em torno de si mecanismos de autoproteção diante das adversidades. Os departamentos se fecharam mais ainda e mais do que isso, passam até a provocar uma certa rivalidade entre si na busca de conseguirem mais recursos relativamente às outras unidades da universidade. Como não há recurso para todas as unidades, quem se destaca mais numa listagem de indicadores, vai conseguir mais recursos. Aí começa a gerar um certo desequilíbrio. Em segundo lugar, a universidade, por falta de fundos públicos, começa cada vez mais a se adaptar a uma lógica de mercado. Quem financia a atividade de pesquisa, por exemplo? Normalmente existem algumas atividades que são de interesse de certos agentes econômicos, mas existem outras atividades que não são do interesse imediato de nenhum agente econômico, embora sejam importantes. Alguns ramos tecnológicos podem ter mais possibilidades de captar recursos de financiamento na iniciativa privada, mas alguns outros ramos sociais eventualmente não. Os ramos que integram, que venham a eclodir na universidade, que sejam integrativos, interdisciplinares, saem perdendo nessa tendência de crise.

***IHU On-Line* – O senhor vê algum destaque no governo atual na busca de uma sociedade alternativa, sustentável?**

Marcel Bursztyn – Ainda está muito cedo para afirmar que tenha havido resultados. No que se vê ao nível do discurso e da expressão de intenções, não há dúvida. Entre expressão de intenções e ter resultados efetivos vai uma longa distância. Não vejo, até o presente momento, que o Brasil tenha passado por um processo muito notável de inflexão, de redirecionamento dos seus rumos nos últimos meses. Os rumos de uma sociedade são comparados a um grande transatlântico no meio do oceano. Não se manobra um transatlântico como se manobra um carro de Fórmula-1, uma guinada e muda o rumo. A manobra de um transatlântico é muito lenta. Mesmo que nós tomemos a decisão hoje “vamos virar mais para a direita ou mais para a esquerda”, isso só vai parecer depois de muito tempo. Hoje ainda não dá para perceber que haja essa mudança.

***IHU On-Line* – Quais são os recursos naturais que atualmente dão mais sinais de fadiga aqui no Brasil? E quais deveriam ser mais explorados em termos ambientais?**

Marcel Bursztyn – O principal problema ambiental brasileiro, embora apareça nas agendas internacionais o Brasil com uma visibilidade grande no que diz respeito ao uso ou ao mau uso das suas florestas, da biodiversidade, o principal problema brasileiro na minha interpretação é um problema urbano. As populações urbanas, o que eu chamo de ambiente urbano, a degradação das condições de vida de um crescente contingente de população que, no Brasil, já chega a pouco mais de 80%, vivendo em aglomerações, seja em pequenas cidades, seja em grandes metrópoles, em que as condições de vida vão se degradando cada vez mais. O principal problema, em termos de meio ambiente, é a falta de condições sanitárias, a falta de saneamento ambiental, entendendo por saneamento ambiental urbano: água, esgoto, águas fluviais nas cidades e coleta e tratamento adequado do lixo. Enquanto nós não resolvermos

esses problemas de forma universalizada em nosso país, não podemos dizer que resolvemos minimamente as condições de habitação das populações urbanas. E veja que 4/5 dos brasileiros estão nessas condições. Além disso, nós temos pouca efetividade nas políticas de controle da poluição industrial e somos um país com uma vocação agrária muito forte, com o avanço das fronteiras e expansão de habilidades agropastoris que, embora possam gerar lucratividade no curto prazo, não há nenhuma garantia da durabilidade em termos de desenvolvimento sustentável, vamos perdendo ambiente enquanto achamos que estamos ganhando renda na exportação de produtos agropecuários.

IHU On-Line - Como o senhor acha que se podem reverter esses problemas?

Marcel Bursztyn – São problemas muito complexos. Se tivesse que resumir numa frase só eu diria que o Brasil não tem projeto nacional. Que rumo afinal o Brasil quer tomar? Em relação à distribuição geográfica da população: nós queremos muita ou pouca gente na Amazônia? Queremos na cidade quase toda a população do Brasil ou queremos distribuir a população no campo: onde? Que regiões achamos que podem ser produtivas? Que regiões queremos manter intocáveis como garantia da qualidade geral do ambiente no planeta? Não temos uma política geral para isso, as decisões são tomadas de forma quase improvisada: “Vamos criar uma reserva ambiental!”. Cria-se uma reserva ambiental. “Vamos criar uma reserva indígena!”. Cria-se uma reserva indígena. Respondemos a problemas muito mais do que planejamos estratégias a longo prazo. Qual é o grau de bem-estar que nós queremos para nossas populações? Quais os serviços básicos que nós achamos irrenunciáveis, como educação, saúde? E a que grau queremos chegar? Uma vez feito isso, teremos condições para dizer quanto nos sobra para as outras coisas. Hoje não temos isso, estamos à mercê das vicissitudes das vontades políticas.

“AS DIFICULDADES APARECERÃO NOS PRÓXIMOS ANOS”

Reproduzimos a entrevista de Lester Brown à revista **Alternatives Économiques** n. 221, janeiro de 2004, p. 60, que foi traduzida pelos colegas do Cepat Informa, de Curitiba. Brown é o presidente do Earth Policy Institute e autor de, entre outros livros, **Eco-économie. Une autre croissance est possible, écologique et durable** (Eco-economia. Um outro crescimento é possível, ecológico e sustentável). Paris: Éditions du Seuil, 2003. Este livro, publicado em 2001 nos EUA, não possui versão impressa no Brasil. Entretanto, foi lançada em português uma versão digital com o título **Eco-Economia. Uma nova economia para a Terra**. O download gratuito do livro pode ser obtido no sítio da Universidades Livre da Mata Atlântica (www.uma.org.br). Os subtítulos também são dos nossos colegas do Cepat.

Alternatives Économiques: Quais são os recursos naturais que dão mais sinais de fadiga hoje?

Lester Brown: Há anos sabíamos que, se continuássemos com um modelo de desenvolvimento tão destruidor, nos confrontaríamos rapidamente com graves problemas. Mas, nós éramos incapazes de dizer exatamente que forma esses problemas tomariam e em que nível eles se produziriam. Eu penso agora que as dificuldades virão sob a forma de uma alta dos preços dos alimentos e isso em todos os próximos anos. Eu me explico. Há dois anos, o grande calor atmosférico reduziu as colheitas agrícolas na Índia e nos Estados Unidos. Neste ano, este calor afetou as colheitas na Europa. É a primeira vez que o mundo é levado, durante quatro anos consecutivos, a diminuir as reservas de grãos porque a produção não é suficiente para cobrir o consumo. As reservas estão nos seus níveis mais baixos dos últimos trinta anos. 2004 deverá ser um ano crítico.